

Duas mulheres, o guincho do porco

Uma mulher avança e está vestida de branco. O que não é branco é o mundo que está como que depois de uma explosão: os objectos tortos ou sem braços, ou com braços a mais, pedem a ajuda possível vinda de coisas sem voz nem linguagem nem sequer talvez pensamento. Por as coisas não saberem pedir ajuda não significa que não precisem de ajuda. Vê os mudos, os loucos e os objectos que aí estão, no chão, parados, mas em desespero.

O pensamento esteve antes, algures no espaço, mas retirou-se, e só ficaram coisas paradas e pessoa nenhuma: no instante do dilúvio ou do apocalipse o pensamento desaparece.

E até em muitas outras situações calmas, bem pré-dilúvio. Por exemplo: não precisas de ter cérebro para comer.

O que se vê na paisagem pós-obra, pós-construção, são coisas que foram consumidas e em parte regurgitadas - e esse a mais expulso do organismo e esses restos, que ali estão, pedem ajuda, ou seja, pedem uma certa ordem, um certo instinto de Lineu que da ruína, do confuso, dos restos e do lixo faça famílias, mesmo que descalabradas e perigosas.

Os objectos que sobram depois da obra feita, por exemplo, têm luxações e a medicina em vez de curar, uiva. Uma arte que uiva como quem lamenta os seus mortos, eis também do que precisamos.

Estamos, pois, no meio de uma medicina faminta que come se necessário o braço doente para o curar – utilizando, pois, essa forma antiga de curar que é comer, e usando também essa forma antiga de ser curado, que é ser comido. Sempre foi o grande consumo final: aquilo que come, o consumidor; aquele que é comido, objecto de consumo. Todo o consumidor será um dia objecto de consumo, e isto não é uma maldição, mas um somatório simples: dois mais dois igual a quanto?

Ficaram as facas e o fogo, uma mulher de branco e a mulher da máquina de filmar. E depois muitas coisas informes, restos.

Quatro coisas, entre muitas, têm, portanto, nome e estão vivas. Nada mau.

As facas ficaram, e paradas parecem fazer afinal estudos afiados das possibilidades angulares de uma circunferência. As facas podem rodar dentro de um círculo como se cada lâmina apontasse para um minuto de tempo, relógio afiado é mais vero que relógio tic-tac dócil; o tempo é uma coisa que corta, sempre foi.

A mulher de branco rodeia então as facas como quem rodeia o fogo: são modos distintos de queimar e cortar; são dois verbos siameses: o que corta, queima; o que queima, corta.

Vou incendiar esta casa com esta faca, diz a mulher de branco - e é com ela, com a faca, que ameaça queimar a aldeia inteira.

Uma outra mulher filma: não há história, da mais mínima e doméstica à invasão brutal, sem uma íris que diz: eu vi. Só há dilúvio e até o último dos apocalipses se existir uma câmara de filmar e um tripé. No limite, a mulher que filma pode deixar a máquina parada como se fosse um elemento da paisagem, mas uma paisagem que tem um olho - e esse olho fala e é ouvido e ao que se escuta vindo da câmara de filmar chama-se história. É por isso que partir uma lente é uma forma de cegar a história que por aí anda ou se pressente. Não se parte uma lente, mas sim uma parte do tempo mais frágil.

E entretanto a mulher de branco não pára: faz desenhos como se alguém no meio da inundação da própria casa quisesse desenhar a inundação da própria casa. Não se trata, pois, de desenhar uma estrutura ou uma construção, mas sim uma destruição; de resto, é preciso planear a destruição com o rigor-engenheiro do projecto de arquitectura e dos números exactos à terceira casa depois da vírgula. Não deixar a destruição para os chateados do mundo e das coisas, para os irritados ou para os furiosos; destruir é para os calmos, para os frios de testa, mão e pensamento; com febre destrói-se mal, as mãos tremem e as mãos não devem tremer quando é o momento de partir coisas em mais bocados do que a paciência inteira que existe no mundo para os voltar a pôr no sítio. Há mais bocados partidos do mundo do que no mundo paciência, e é assim que o informe vence por KO à forma útil e

comercial dos objectos. Há mais foscos fragmentos de coisas já não identificáveis do que itens na loja universal em que se tornaram os países e o espaço.

É necessário, pois, valorizar aquilo que a mulher de branco, chamada Sara, tem ou leva consigo: esse modo de abrandar os pés, desenhando; abrandar os pés e acelerar as mãos, desenhando. Se queres abrandar os pés, desenha, eis um conselho. Os efeitos vêem-se sempre no lado oposto das causas, eis uma regra.

E nos desenhos se fará a destruição pormenorizada, os detalhes, e o que fica; e do que fica se fará uma paisagem ou seja uma exposição, ou seja, um modo tímido de a mulher de branco sair da frente do mundo para que o mundo que ficou atrás fique meio pasmado um passo adiante e o que era resíduo se torne altar.

Há uma outra mulher, já falámos dela, Rita, que está, ou continua, um centímetro, pelo menos, acima da paisagem porque quem filma está sempre em modo de levitação e distanciamento: para trás e para cima, para o lado e para cima; nunca no centro: só é possível filmar o fogo estando fora do fogo.

Há o fogo e o filme que mostra o fogo; a faca e o filme que mostra a faca. Podemos imaginar, na linguagem, um fogo-filme e um fogo-faca, mas tal é teoria pura, a vida pura não é assim: não tem hífen entre as coisas ou talvez sim mas não se vêem, infinitos hífen ligam todas as coisas entre si numa crença qualquer que mistura jeitos da linguística e uma adoração pela atração íntima entre os visíveis e os invisíveis, os vivos, os mortos e os nunca nascidos. Tudo é feito de hífen e de um ar ainda mais pequeno do que o ar que nunca vemos.

Precisamos, pois, de câmaras excepcionais que continuem a filmar debaixo de água e não se afoguem, e passem também a filmar dentro do fogo e dentro da faca, e não se cortem e não se queimem.

E esses objectos recuperados pela mulher, Sara, que caminha de branco, são os afogados, os queimados, os amputados, são estes objectos que Sara, a mulher de branco, recupera. Incêndio, afogamento e corte: eis os modos de fazer, que a catástrofe exerce como um direito primário.

Mas há a catástrofe e os humanos na sua periferia (se estivessem no centro da catástrofe deixariam de ser humanos e passariam a ser bocados de humanos, entulho bípede ou deitado). Pois, mas isto, a mulher de branco: em vez de diante da catástrofe levar as mãos à cabeça, diante da catástrofe leva as mãos aos objectos que sobreviveram - os afogados, os queimados, os cortados são alojados no segundo solo como feridos que nos ferimentos encontram uma nova língua - um outro modo de ocupar o mundo, de pousar o que sobra de si próprio sobre o neutro e até distraído solo.

É evidente, de qualquer forma, que o mundo humano, e tudo o resto que o rodeia, se fez do entulho que sobrou dos seis dias de invenção do mundo pelo Deus cristão. Foi com o entulho que sobrou das obras de Deus que fizemos este mundo, o fogo e a faca - mundo repleto de cidadãos e desespero – dele fizemos ainda as muitas máquinas e a autoestrada que nos leva daqui para ali e depois nos devolve ao ponto de partida, os aviões tão lindos e a cafeteira que faz café para os olhos estarem atentos como um mocho com crânio e pensamento a sério; tudo é, então, resultado de um milagroso aproveitamento do entulho dos seis dias do Deus da construção; o próprio humano é feito desse entulho, desses restos, desses vestígios, desse lixo - sem lado direito ou esquerdo – lixo que resultou da génese dos primeiros seres perfeitos que um dia terão habitado a terra.

Ninguém foi feito de costelas, mas sim do puro pó, desse simples pó das obras, pó que resulta das perdas mínima das substâncias e dos materiais; foi com esse pó que se fizeram as pirâmides de Gizé e as máquinas, e até os apaixonados. Mas o que sobra agora são máquinas malucas e coxas, sem partes de si, que a senhora de branco coloca no chão, não para funcionarem mas para crescerem como organismos deficientes mas ávidos: uma máquina que se vira para o sol como as velhas plantas, metal com uma qualquer fotossíntese demente que em vez de alimentar evite a inutilidade e a avaria.

E para acabar subimos a galope de uma frase como de um animal com patas, obediência e velocidade: “é mais urgente apagar a

desmesura que o incêndio”, dizia Heraclito e é isso mesmo - o que sobra das obras já feitas e terminadas, das máquinas que funcionam e dos humanos perfeitos – belos, bons e com cérebro ágil - esse excesso, esse a mais que aí fica, berra e guincha como um porco convidado à força para a sua própria matança; um guincho terrível que os ouvidos e uma qualquer campainha do cérebro jamais vão esquecer; e é esse guincho que sai do material que sobra, do entulho, um guincho de quem não quer morrer, guincho de quem foi convidado à força para a sua matança, que é necessária apagar, acalmar, apaziguar. É esse guincho em modo mudo que sai dos objectos de Sara, a mulher de branco, e que Rita, a mulher da camara de filmar, testemunha, mesmo que diante da natureza calma e redonda que apenas murmura.

Mas um dia, diz uma maldição que agora invento, esse guincho terrível do porco a quem se corta o pescoço, sairá, não apenas da máquina de filmar, mas de todas as imagens, de todos os objectos, de todas as máquinas e sim, que terrível imagem, esse guincho sairá ainda de todos os humanos, desses humanos que um dia serão o mais belo dos entulhos alguma vez produzido pela longa história do mundo. O mais belo, sim, mas também o mais nojento e o que mais fede.

gonçalo m. tavares